

EXPEDIÇÃO

3

A montanha sagrada dos ianomâmis

Projeto de ecoturismo indígena vai reabrir trilha ao pico da Neblina

RESUMO Folha viaja com exclusividade pela trilha que leva ao ponto mais alto do Brasil. Oficialmente fechado desde 2003, percurso deve ser reaberto até 2019, num projeto de ecoturismo idealizado pelos ianomâmis, em cuja terra se localiza o pico da Neblina. Trajeto de ida e volta tem 72 km em ambiente inóspito e toma oito dias.

rém, nem pensar.

“Yaripo”, na língua ianomâmi falada na região de Maturacá (AM), é a “montanha do vento”. Apesar do nome, o grupo de 11 visitantes do qual a **Folha** participou chegou ao topo do pico da Neblina em 21 de julho sob calma e forte mormaço, com 21°C a 2.995 m de altitude.

Havia neblina, claro, mas ela ia e voltava. Dava para entrever o vizinho 31 de Março (2.974 m), segundo ponto mais alto do Brasil, e a planície venezuelana que se espalha ao pé do paredão de rocha abrupta.

A trilha de acesso fica do lado brasileiro, onde se sucedem vistas impressionantes da serra do Imeri. São 36 km a pé, com uma elevação total de mais de 2.900 m no terreno, em cinco dias.

O percurso de ida e volta toma oito dias. Todo ele ocorre dentro da Terra Indígena Yanomami, que tem 96,7 mil km² (um pouco maior que Portugal), dos quais 11,3 mil km² se sobrepõem à área do Parque Nacional da Serra da Neblina (que tem 22,5 mil km², pouco mais que o Estado de Sergipe).

Desde 2003, o caminho está oficialmente fechado. Os ianomâmis decidiram que não tolerariam mais a invasão de suas terras pelos grupos organizados por agências de turismo, que iam ao pico da Neblina sem autorização da Funai nem do ICMBio, órgãos responsáveis por terras indígenas e unidades de conservação, respectivamente.

As excursões, contudo, continuaram acontecendo, quase sempre com a participação de ianomâmis das aldeias Maturacá e Ariabu, que reúnem na região uma população aproximada de 1.700 pessoas. Na condição de carregadores e guias, ganhavam uma ninharia.

INVASÃO O pico da Neblina figura no alto da lista de desejos de turistas aventureiros como Silvio Alpendre, hoje com 57 anos. Em outubro de 2016, ele e dois amigos acharam que estavam em boas mãos ao aceitar o convite para subir a montanha vindo de um coronel reformado da Polícia Militar amazônica, que dizia já ter organizado tudo com os ianomâmis.

“Na realidade, depois ficou claro que ele organizou uma espécie de invasão”, lamenta hoje Alpendre.

Ao chegar a Maturacá, de noite, foram confrontados por soldados do Exército armados: o que faziam ali? O oficial da PM informou que iriam ao cume e que tinham combinado tudo com Júlio Goes, um

ianomâmi poderoso em Ariabu.

Um dia depois, o grupo percorreu a trilha por menos de 40 minutos. Os militares os alcançaram para dizer que dois barcos lotados de ianomâmis com espingardas e bordunas vinham em seu encalço. Era mais prudente que voltassem.

De retorno a Maturacá, o grupo de turistas foi notificado sobre uma reunião, na manhã seguinte, para decidir seu destino. Quando chegaram ao ginásio de esportes da missão salesiana ao lado de Ariabu, foram instalados em cadeiras de frente para a arquibancada. Ela se encheu aos poucos, enquanto líderes locais os desancavam em português e em sua própria língua.

Em votação, os ianomâmis resolveram que o grupo poderia retornar a São Gabriel da Cachoeira.

Como saldo ficou o prejuízo com passagens aéreas, hospedagem em hotéis e o dinheiro pago ao coronel para que providenciasse alimentação e carregadores.

Ao ouvir do PM aposentado que a provação teria valido pela experiência, Alpendre diz ter retrucado: “Só aprendi aqui o que não se deve fazer”. Apesar do constrangimento, relata que não chegou a se sentir fisicamente ameaçado.

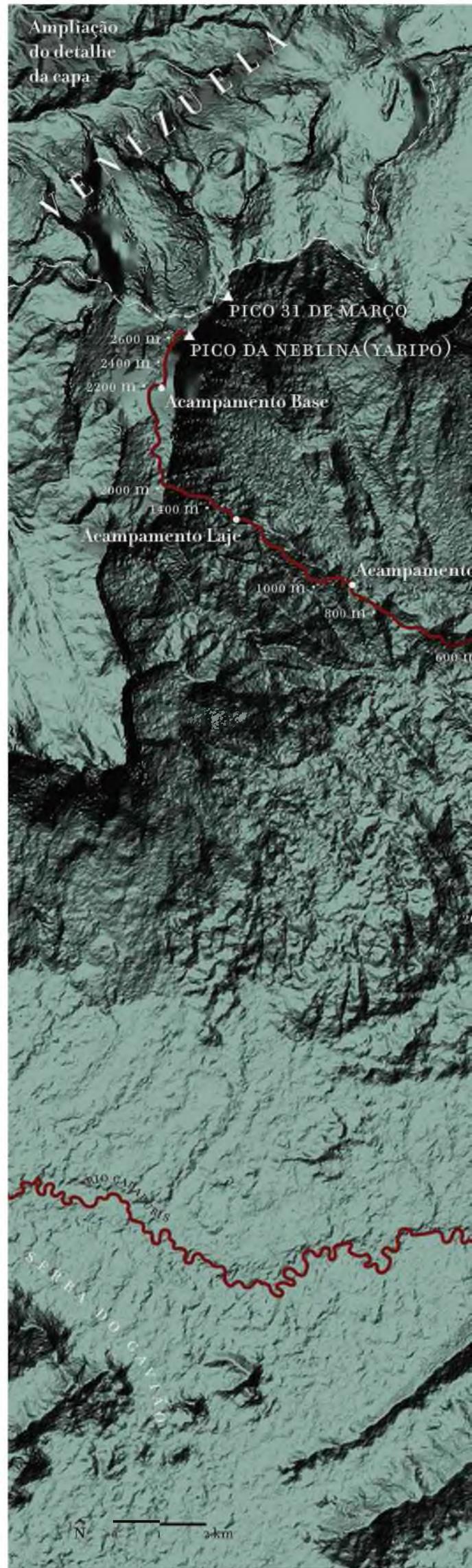
Os turistas não poderiam ter escolhido momento mais inadequado para entrar sem autorização na terra indígena. O Projeto Yaripo - Ecoturismo Yanomami vivia um período crucial, após três anos em gestação, com vários cursos de capacitação e reuniões com Funai, ICMBio e Ayrca (Associação Yanomami do Rio Cauaburis e Afluentes).

Mais que forasteiros desavisados, eles se tornaram verdadeiros intrusos naquela altura em que a Ayrca, finalmente, se punha de acordo sobre o Plano de Visitação exigido pelas normas do ICMBio para os parques nacionais.

A EXPEDIÇÃO Luiz Capovila respirou aliviado quando o comunicador Motorola que carregava deu um chiado e se ouviu a voz de Salomão Mendonça Ramos, coordenador do Projeto Yaripo na Ayrca, falando de Maturacá.

Era o quarto dia de expedição. O grupo já havia abandonado a floresta fechada e adentrado um mar de bromélias, próximo dos 2.000 m de altitude do acampamento Base. À frente, abria-se o panorama majestoso da serra do Montilla.

“Tirou um peso de 37 kg de minhas costas”, disse o engenheiro paulista de 29 anos, que andara



MARCELO LEITE
ilustração **MARCELO PLIGER**

O IANOMÂMIÉ, antes de tudo, um lorde. Gentil e cuidadoso com os visitantes do recém-lançado Projeto Yaripo, que promete reabrir escaladas ao pico da Neblina, mas também altivo, distante. Quase inalcançável, como a montanha.

Quem achar que eles são inferiores —ou ferozes, como quer o controverso antropólogo americano Napoleon Chagnon— tem agora a chance de mudar de ideia escalando o ponto culminante do Brasil em sua companhia. Já existe até uma lista de espera para 2018 ou 2019 (bit.ly/2wpPx5l), a depender de algumas melhorias na trilha.

Aviso aos caminhantes: o ambiente hostil não favorece expedições. A mata fechada característica da Amazônia tem o solo entrecortado por raízes escorregadias, charcos, pedras íngremes e muitos igarapés (riachos e rios).

Chove demais e faz calor. São Gabriel da Cachoeira (AM), a cidade mais próxima, tem temperatura média na casa dos 26°C e precipitação anual que pode ultrapassar 3.000 mm (em São Paulo, ela fica em torno de 1.400 mm).

Não é uma caminhada fácil, física e psicologicamente. Mas, com um preparo mínimo, qualquer turista mais aventureiro pode enfrentá-la. E a recompensa é enorme: nada se compara a alcançar o cume. Sem a ajuda dos ianomâmis, po-

8 DIAS COM OS PÉS MOLHADOS

A jornada para o pico da Neblina começa em São Gabriel da Cachoeira, cidade de 44 mil habitantes à beira do rio Negro, no Amazonas. Dali seguimos para o norte pela BR-307, uma estrada de terra. Após seis horas e 80 km de atoleiros, alcançamos o ancoradouro Frente Sul, onde nos aguardam as voadeiras, lanchas fluviais de alumínio. Para chegar à aldeia ianomâmi Maturacá, são seis horas em igarapés de água preta e no rio Cauaburis, em meio à floresta. Avistamos garças-reais, martins-pescadores e gaviões-caipiras (ou águias-pescadoras), além de uma cobra caninana. Chegamos já no escuro, navegando entre pedras e tocos à luz de lanternas. Nada parece impossível para os pilotos e proeiros ianomâmis

PRIMEIRO DIA (DOMINGO, 16/7)

Após dois dias de preparativos, navegamos duas horas, acompanhados por araras-canindés, até a cabeça da trilha. Partimos ao meio-dia numa caminhada de quatro horas. O grupo tem 24 pessoas, 13 ianomâmis e 11 visitantes. Há muita lama branca e raízes no chão. Cruzamos alguns igarapés em pinguelas, outros com água pelo joelho. A água limpíssima tem cor de Coca-Cola, como é comum nas áreas de matas inundadas (igarapés). Botas, meias e roupa permanecerão molhadas nos sete dias seguintes. Foram mais de 7 km, a parte mais fácil da trilha, com apenas dez metros de elevação total. Chegamos no fim da tarde ao

primeiro acampamento, Irokae. Os ianomâmis montam as tendas de lona. Após o banho, é hora da única refeição quente do dia: arroz, feijão, macarrão, farinha, calabresa e carne

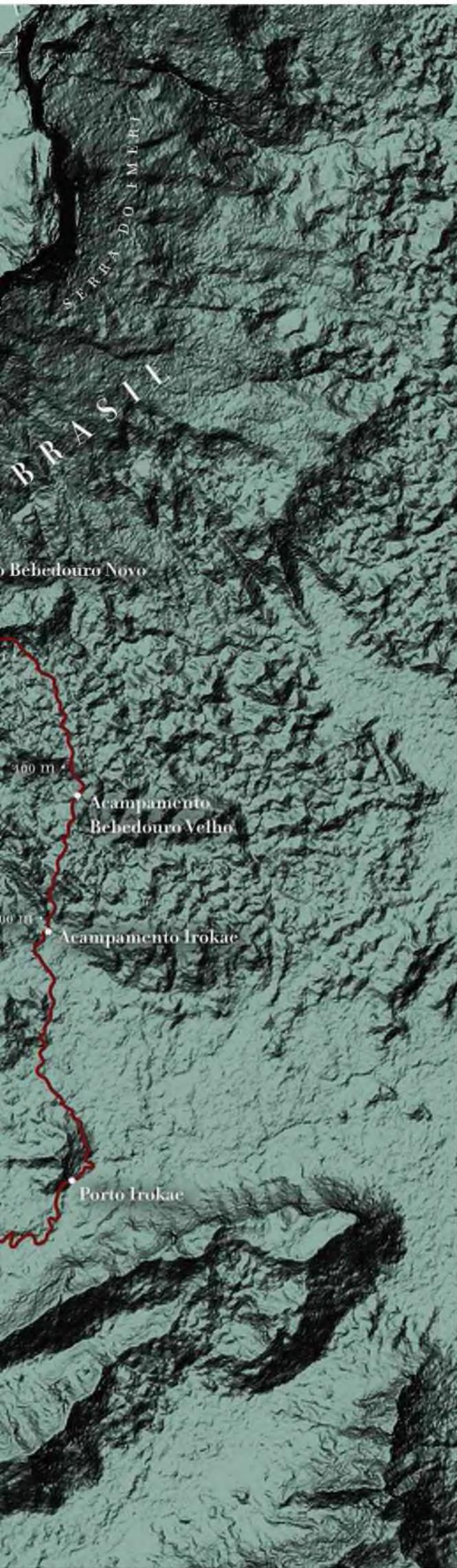
SEGUNDO DIA (SEGUNDA-FEIRA, 17/7)

O guia Tomé diz que ianomâmis fazem o trecho seguinte em três horas, mas que “napêpe”, os brancos, vão levar oito horas. Dito e feito: oito horas e meia de caminhada, subindo e descendo pequenas serras por mais de 13 km. Galgamos 730 metros de elevação no terreno neste segundo dia. Foram seis paradas até o novo acampamento, Bebedouro Novo. Pausas de 15

minutos para beber água e enganar a fome com paçoca de carne seca, biscoitos, doce de leite e goiabada

TERCEIRO DIA (TERÇA-FEIRA, 18/7)

Chove a cântaros, e só partimos às 10h30. O trecho tem meros 6 km, mas, com 800 metros de elevação, é puxado. Caminhamos em meio a uma floresta que parece encantada, toda coberta de musgo verde. Acampamos no local conhecido como Laje, a mais de 1.600 m de altitude. Com o frio aumentando, cobertores e sacos de dormir se tornam indispensáveis nas redes. O rádio não funciona. Se acontecer algum acidente, não há como pedir socorro

**QUARTO DIA (QUARTA-FEIRA, 19/7)**

Cinco horas de caminhada para percorrer apenas 3 km e chegar a 2.000 metros de altitude no acampamento da Base. Atravessamos um charco, com os pés afundando até o começo da canela no lodo escuro formado pela decomposição das bromélias que dominam o local. Somos recompensados com a visão da belíssima serra do Montilla. Quase não há árvores. Surgem flores delicadas na vegetação, semelhantes a orquídeas. Várias só existem ali. Sem lenha para cozinhar, os ianomâmis recorrem ao gás. Faz muito frio, 12°C. Estamos no sopé do pico da Neblina, mas só conseguimos vê-lo por

instantes, numa rara abertura das nuvens. Finalmente funciona o rádio

QUINTO DIA (QUINTA-FEIRA, 20/7)

Hora de atacar o cume. São 4 km de trilha, para uma elevação de mil metros. Mil metros de subida e mil metros de descida, pois retornaremos para pernoitar na Base. Há dez trechos com cordas molhadas e escorregadias para escalar paredões de pedra. Os mais experientes indicam onde posicionar os pés nas reentrâncias das rochas. Após quatro horas, alcançamos às 13h o topo do Yaripo, a “montanha do vento” na língua indígena. Há muita neblina, mas também um morraço forte, que mantém

preocupado com o mutismo do aparelho. O alívio era força de expressão, pois ele ainda carregava a mochila lotada de equipamentos, de facão a lanternas e telefone de satélite. Capovila estava incumbido de testar um sistema provisório de rádio VHF para manter a comunicação com a aldeia ao longo da trilha.

Apenas 48 horas antes da caminhada ao pico da Neblina, ele havia chegado de outra pernada extenuante, de três dias, para instalar uma antena repetidora no alto de montanhas contornadas pelo percurso, uma barreira que interrompia o sinal. A picada aberta pelo pessoal da Ayrca, no entanto, terminava cerca de 4 km a oeste do ponto escolhido por Capovila.

Com isso, a antena provisória terminou instalada no local errado, e boa parte da trilha do Yaripo ficou na sombra das montanhas vizinhas, excluindo a possibilidade de conexão com a aldeia.

Além de recolher o equipamento provisório empregado no teste, o que exigiu uma terceira caminhada do engenheiro no prazo de duas semanas, ele terá de voltar em novembro para instalar —desta vez no local certo— a antena definitiva, com dez metros.

O plano é levar turistas pagantes ao pico da Neblina em 2018 ou 2019, e o sistema de rádio não pode faltar.

COMITIVA A expedição na qual a **Folha** tomou parte teve outra finalidade. Além de Capovila, mobilizou Nelson Brügger, da Confederação Brasileira de Montanhismo e Escalada. Sua missão era avaliar o grau de dificuldade dos trechos de rocha íngreme, hoje providos de cordas, para planejar a fixação de degraus de metal. Serão necessários 58, estabeleceu o montanhista.

O guia Tomé Fonseca, 42, liderou o grupo de 13 ianomâmis, cada um carregando um jamanxim (cesto-mochila de cipó) com até 35 kg. São rapazes na faixa de 20-30 anos, que falam pouco e andam muito, sempre dispostos a pegar mais peso para aliviar os visitantes desacostumados àquele ambiente.

Vários levam entre o lábio inferior e a gengiva um rolinho de tabaco com algodão e cinzas. É o “pêê” (pronuncia-se “pêrrê”), hábito comum nessa etnia.

Havia no grupo representantes do ICMBio, Luciana Uehara, e da Funai, Anderson Vasconcelos e Alexandre Viana. Do Instituto Socioambiental (ISA), que presta consultoria ao Projeto Yaripo, foi Lucas Lima, geógrafo com mestrado em antropologia (e mestre, mesmo, em dar sugestões de organização aos ianomâmis sem assumir um papel superior).

A expedição foi custeada pela Escola Frederick S. Pardee de Estudos Globais, da Universidade de Boston, por iniciativa da professora Julie Michelle Klinger, que levou a estudante Marie Bridget Baker e o colaborador José Renato Peneluppi Jr. A equipe de reportagem da **Folha**, que pagou as próprias despesas, incluiu o consultor em ecoturismo e fotógrafo Marcos Amend.

NATUREZA A expressão “mar de bromélias” é metafórica, mas guarda nexos com a realidade. Há muita água sob a massa vegetal. Ambas se acumulam sobre a camada de rocha impermeável e dão origem ao charco que muitos no grupo elegem como o pior trecho da trilha.

Algumas das poucas árvores apresentam raízes aéreas para se firmar no solo inconfiável. Em conjunto com o lodo escuro, trazem à memória os mangues do litoral.

a temperatura em 21°C.

Todos se abraçam e gritam “Yaripo” várias vezes. Os olhos se enchem de lágrimas. A conquista é festejada com paçoca de carne seca e chocolates. O mastro da bandeira está caído. O lado da montanha que dá para a Venezuela é um paredão abrupto, verdadeiro abismo. Em frente fica o pico 31 de Março, com 2.974 metros. Menos de duas horas no cume e já começamos a voltar. Descer foi pior do que subir. As pernas mal aguentam o peso do corpo. Um grupo retardatário chega ao acampamento seis horas depois, já no escuro. As últimas cordas foram percorridas sob a luz de lanternas

Após essa espécie de pântano, o caminho passa a conter muitas pedras soltas, algumas de aspecto rosado (quartzito). Surgem aqui e ali grandes conglomerados, rocha sedimentar que agrega uma infinidade de seixos roliços, há muito tempo submersos e em movimento, no fundo de rios, talvez bilhões de anos atrás.

Foram parar ali, a mais de 2.000 m de altitude, porque a crosta terrestre se soergueu na região, em algum momento de 65 milhões de anos para cá. Assim se formou a serra do Imeri, um dos muitos “inselbergs” (literalmente, montanhas-ilhas) que irrompem no escudo da Guiana.

Os ianomâmis circulam pelas imediações há tempos. Vão ali como guias e carregadores para turistas clandestinos, quando recebem um terço do pagamento que o Plano de Visitação submetido ao ICMBio prevê (mínimo de R\$ 1.000).

Também acontece de acompanharem pesquisadores em busca de novas espécies de pássaros, répteis e insetos. Outros carregam material dos garimpeiros ilegais que procuram ouro nas serras —isso quando não são os próprios indígenas a manusear bateias e máquinas para desmontar barrancos.

Eles reverenciam o Yaripo porque ali haveria muitos espíritos. Há quem veja com restrições a ida de mulheres ao cume, pois esse “outro mundo” é território masculino, dos pajés. A visão é combatida pela associação feminina de Maturacá e Ariabu, a Kumirayoma. Na expedição anterior, uma de suas integrantes, Maria de Jesus Yanomami, se tornou a primeira ianomâmi a atingir o topo do pico da Neblina.

INFRAESTRUTURA Mulheres e homens que se aventurarem na trilha terão de se conformar com a falta de privacidade. Não há banheiros, só a vegetação para ocultar quem se agacha. O banho de rio se faz sempre com alguma roupa. A nudez não é bem vista nessa região com forte influência moral de padres salesianos.

As clareiras abertas para acampamento são pequenas. As redes de dormir ficam armadas a centímetros uma da outra, sob a lona de 7 m x 4 m que faz as vezes de teto —verde, para que barracos de turistas não sejam confundidos com os de garimpeiros, amarelos. Os ianomâmis dormem em tendas menores, bem ao lado.

A cozinha é uma fogueira a céu aberto. A mesa, um pedaço de lona dobrada no chão, ou folhas de algum parente de bananeira (que também podem servir para embrulhar alimentos assados na brasa, a técnica ianomâmi “haro-haro”).

A base do cardápio —uma só refeição por dia, no final da caminhada— compõe-se de farinha de mandioca e arroz com feijão (alimento que os carregadores não dispensam, dispondo-se a carregar uma panela de pressão de 12 litros).

A mistura, que varia entre carne de vaca salgada, calabresa defumada e frango frito, tende a escassear no caminho de volta. Biscoitos de água e sal, cuscuz cozido à maneira nordestina e a ocasional tapioca acompanham o café da manhã.

ÊXTASE A falta de conforto e a exaustão da última pernada (mil metros de elevação em quatro horas) são esquecidas assim que se atinge o cume. Após quatro dias olhando para o chão, medindo cada passo no terreno acidentado, um panorama grandioso se desdobra paredes abaixo do diminuto

SEXTO DIA (SEXTA-FEIRA, 21/7)

Todos se queixam de dores nos joelhos, menos os ianomâmis. Apesar disso, o plano é pular o acampamento da Laje e seguir direto para Bebedouro Novo, cerca de 10 km à frente. Mantemos bom ritmo e alcançamos as barracas às 16h, meia hora antes do previsto pelo guia. Hora de recompor forças com um banho de rio

SÉTIMO DIA (SÁBADO, 22/7)

Dia de repetir o trecho mais exigente da jornada, com muito sobe e desce até Irokac, mas agora há mais descidas que subidas. O aniversário de um “napê” é comemorado com açaí recém-colhido e peixinhos em “haro-haro”,

plátô, que tem um mastro e uma bandeira brasileira caídos.

Mesmo na neblina que vem e vai, a visão da vasta planície amazônica a partir da montanha que perfura as nuvens enche os olhos de luz, de verde e de lágrimas. A face do Yaripo que dá para a Venezuela é quase vertical, um abismo que deixa a todos atônitos e cientes da própria pequenez.

Julie Klinger, da Universidade de Boston, saca um telefone de satélite e liga para o marido, com quem conversa de modo emocionado. Ao terminar, dá a todos a possibilidade de falar com pessoas queridas, e vários aceitam a oferta.

A comemoração se faz com água, chocolate e paçoca de carne seca. Multiplicam-se abraços, fotos de grupo e acenos para a câmera do drone (talvez o primeiro a decolar no alto do pico da Neblina).

Havia três mulheres na turma de “napêpe” (não ianomâmis), mas só duas —Klinger e Luciana Uehara— fizeram a escalada final. Nenhuma ianomâmi integrava esta expedição, ausência que daria o que falar na assembleia para eleger a diretoria da Ayrca, dois dias após o retorno do grupo a Maturacá.

GÊNERO Convidada para compor a mesa da assembleia e provocada pelas dirigentes da Kumirayoma a falar da importância das mulheres na expedição, Klinger perfilou vários motivos.

Primeiro, contou que só estava ali, depois de decidir apoiar o Projeto Yaripo, porque tinha assistido a um vídeo sobre a expedição pioneira em que a ianomâmi Maria de Jesus aparecia no pico, gravado por Marcos Wesley Oliveira, do ISA. A presença feminina também teria facilitado aprovar a verba para a excursão de que fizera parte.

A Universidade de Boston, explicou a professora, pauta-se por diretrizes da ONU que consideram inerente ao conceito de desenvolvimento sustentável a igualdade de gênero, ou seja, participação ativa de mulheres. “Não só como cozinheiras, mas como carregadoras e até guias”, especificou.

Além disso, mulheres da comunidade local deixariam mais à vontade turistas do sexo feminino em situações que envolvam saúde e higiene (como procurar carrapatos no corpo). Por fim, sem garantia desse envolvimento completo das ianomâmis —como de resto prevê o Plano de Visitação acordado entre comunidades, ICMBio e Funai—, o apoio americano para futuras expedições poderia ficar ameaçado.

O argumento usual dos homens ianomâmis de que elas não aguentariam o peso dos jamanxins enfiados nas mulheres, que carregam cestos com até 50 kg de mandioca ou lenha das roças para casa.

Na realidade, o que está em jogo é o pagamento, que eles preferem manter num grupo pequeno, entre parentes e aliados políticos. Permitir mulheres só faria aumentar o número de pessoas no rodízio.

O ianomâmi é, apesar de tudo, um lorde —e muito cioso da tradição segundo a qual lordes e ladies, “waro” e “suwe”, ocupam espaços diferenciados na sociedade.

Não há lugar para elas, por exemplo, na hora de aspirar o paricá, espécie de rapé que permite aos “pata” (anciãos) trocar de mundo e se entender com os espíritos que habitam o Yaripo.

Cabe a eles negociar o bem-estar dos “napêpe” que se arriscam nas suas encostas —cerimônia de pajelança que muito emocionou os visitantes estrangeiros. ◀

forma tradicional ianomâmi de assar alimentos em fogueira embrulhados em folhas. O aniversariante se dá como presente um par de seias secas

OITAVO DIA (DOMINGO, 23/7)

Faltam os 7 km finais até o ponto em que nos esperam as voadeiras para chegar a Maturacá. Chegamos às 14h. Após mais de 70 km andando e uma elevação acumulada de 4.400 metros, a emoção é quase tão forte quanto alcançar o cume do pico da Neblina. Agora é lavar a roupa úmida e cuidar das feridas nos pés. Um pequeno preço a pagar depois de ter subido a montanha mais alta do Brasil guiados por seu povo indígena mais famoso